

6

PANEGYRICO  
AO REY FIDELISSIMO  
D. JOSEPH I.

NOSSO SENHOR.

ESCREVIA-O

LOURENÇO

JUSTINIANO PACHECO.

*Domine, saluum fac Regem;*  
Psalm. 19. 10.



LISBOA:

Na Officina de JOSEPH FILIPPE;

Anno M.DCC.LIX.

*Com todas as licenças necessarias.*

# PROTESTAC, AÕ.

**S**E do que a minha penna ineloquente  
Nessas linhas incultas raciocina,  
Do que nos dicta direcção divina,  
Algũa couza do sentir dissente;

Já desde aqui cega, e rendidamente  
Reprovo, o que ella reprovar destina;  
E em conclusãõ, da Santa Sé Latina  
Me subordino á correcção, e á mente.

Tambem cedo ao critério judicioso  
De pessoas de ciencia, e de equidade,  
Que addicto, sim, não me achará teimoso;

Que muito longe estou da vaidade,  
Longe do extremo, sobre os mais vicioso,  
De eu me ter mais amor, do q̃ á verdade.

*Lourenço Justiniano Pacheco.*

## ADVERTENCIA

**E** Ste Panegyrico, que fiz a Sua Magestade, funda-se nestas formaes palavras do Real Decreto do mesmo Senhor de 9. de Dezembro de 1758.

*Despedaçando ( os tiros ) todo o ... espaldar, ( da carruagem, que transportava a Sua Magestade ) não deixáráo ao juizo humano modo algum de comprehender, á vista delle, ( do estrago, que fizerao os mesmos tiros ) como a minha Real Pessoa se pudesse salvar em tão pequeno espaço., como o da referida carruagem, no meio de tantas, e tão grandes ruínas, só com o dano das graves feridas, que alli recebéo, se a minha Real vida não houvesse sido positivamente preservada por hum visível milagre da Mão Omnipotente, entre os estragos daquelle horrorosissimo insulto.*

Como, pois, Sua Magestade discorre tão pia, e judiciosamente, não podia eu tomar argumento mais acertado, attento, e decoroso, muito mais, fallando, como positivamente fallo, com o mesmo Senhor do que, o que escolhi, que tanto se ajusta com a mente Real, e com a presente conjunção, em que por tanto beneficio, quanto Deos nos fez em preservar a preciosissima vida de Sua Magestade, tantas graças lhes rendemos; não sendo este preceito de attender ao tempo, muito mais na presente occasião, de menos observancia para os Poetas, do que para os Oradores. Assim eu tivera ma-

ióres forças , para dignamente poder desempenhar tanta empreza !

Diz Sua Magestade, *que considera haver sido a sua Real vida positivamente preservada por hum visível milagre da Maõ Omnipotente*; o que tóco nas Oitavas 6.;7.,e 8.,e eu emprendi rastear quaes podiaõ ser os motivos, que inclináraõ a *Maõ do Omnipotente* a obrar este *visível Milagre*, o que tóco nos ultimos quatro versos da referida estança oitava; e na seguinte, tronco de toda a obra, pondero, que, de mais das virtudes do nosso amavel Soberano, se dignou o Altissimo de preservallo taõ milagrosamente, por haver sido patrocinado ante a sua Divina presença no Ceo de Christo da Senhora dos Anjos, e dos Santos; na terra dos Fiéis Viadores, e no Purgatorio das Almas, q̄ poz aos mesmos Viadores; porque cremos, que ellas se achaõ detidas no Purgatorio, por defeitos, de que se estaõ purificando, o que á caridade Christã não he licito presumir de algum Viador, á imitação do Apostolo, que se reputava o primeiro dos peccadores: de mais, que os Viadores viaõ, merecendo, ou podendo merecer, para o que as Almas se achaõ impossibilitadas; e he infallível, que até a consummação do seculo ha de haver na Igreja de Deos Santos, e Justos. Passei logo aos Viadores, fazendo primeiramente menção dos Fiéis estranhos, e logo dos vassallos de Sua Magestade de ambas as Jerarquias Ecclesiastica, e Secular por sua ordem desde o mais alto até o mais infimo; fechando

chando, ultimamente, com as Pessoas Reaes, como superiores a tudo, e coroando todo este empenho, com que no mundo subllunar se deprecou pela vida de Sua Magestade com a Real Pessoa do mesmo Senhor. Daqui passei com a consideração ao Ceo, ponderando, que Santos estranhos, e nacionaes se interessárao pela preservação da vida de Sua Magestade, e os motivos que a isto os podião mover. Com o mesmo artificio discorri pelos Santos Anjos. Delles passei a tratar da protecção, com que considero, que a Senhora se empenhou no Conspecto do Todo Poderoso a favor de Sua Magestade; e ultimamente, conclúo com a intercessão, com que considero, que Christo, Senhor nosso, advogou por esta mesma causa, procurando, como já disse em todo este progresso produzir aquellas razoens, que mais podião commover taõ soberanos Intercessores para se interessarem a beneficio de El-Réi, e do Réino, e dispondo todo este apparatus com a melhor ordem, que foi possivel á curteza do meu entendimento.

Passo a considerar que, attento o Eterno Pai a tanta intercessão, e não menos ás virtudes de Sua Magestade, decretou preservar-lhe a vida da traizão, que se lhe maquinava; e que se permittio, que esta tivesse algum effeito, foi, para que visse o Réi quanto era aceito a Sua Divina Magestade; e para que visse o Réino quanto devia a hum Soberano que na preservação da sua gloriosa vida o preservava tambem

das

das funestas consequências, que hum tão sacrilego attentado não podia deixar de trazer consigo. Conclúo finalmente, persuadindo-me, que S. Magestade terá dado immensas graças a Deos com as palavras do Salmo 60., que parafraseei, por ser tão terminante ao intento, e composto pelo Santo Réi David, em acção de graças, por se ver posto a salvo da conspiração, que lhe maquinava seu filho Absalom, sendo muito particularmente proprios ao intento os versiculos 3., e 7. do mesmo Salmo, a que correspondem as oitavas 93. e 97. Omitto, exceptuados alguns outros lugares de Escrituras, Igreja, Historia Ecclesiastica, Santos Padres, e de outros quaesquer Escriitores Sagrados, ou profanos, tocados em varias partes deste Panegyrico; por abraçar a opiniaõ, que tem este trabalho por inutil; porque os doutos facilmente percebem as fontes; e para os menos intelligentes mais serve de embaraço, e confusão, do que de instrucção, e doutrina.

PANEGYRICO  
 AO REI FIDELISSIMO  
 D. JOSEPH I.,  
 NOSSO SENHOR.

**S**enhor: Falta de ciencia, e de harmonia,  
 He, qual minha fortuna, em humildade  
 A minha voz; pelo que obviar devia  
 ; Affuntos de gloriosa immensidade;  
 Mas fe do entendimento a regalía  
 Cede infinitamente á da vontade,  
 Nos parabens, que vos repito, quero  
 Zópyro ser, antes que ser Homero.  
**E** Aquelle, que do cáds, que do nada  
 Dêo aos abyssos, e regioens vazias  
 Hũa estructure, optimamente ornada  
 De effencias altas, bellas fymmetrias;  
 Até na boca não purificada,  
 Qual foi com huã braza a de Isaías;  
 Dos mesmos pequeninos, e inferiores  
 Sabe aperfeiçoar os seus louvores.

Nem

Nem hoje só régias melhoras canto ?  
 Bem me ouvio já cantar em desafio  
 O Collegio do EGYPCIO Antonio Santo  
 Nas do Quinto Joaõ, o Grande, o Pio:  
 Tambem cantei, nas da que obter o manto  
 De Imperatriz universal confio:  
 Da Primogenita condigna vossa,  
 Da que he Princeza, que he Senhora nossa.

Viva o Rei, viva o Rei, o Reino clama;  
 E oh quanto justa! quanto oh gratamente!  
 Que a razaõ dicta, e naõ occulta a fama;  
 Que porque vós viveis, elle he vivente!  
 Se, pois, quando assim Luso vos acclama,  
 Passára o silencio a delinquente,

(1)  
*Se a mi-  
 nha Real  
 vida naõ  
 houvesse  
 sido positi-  
 vamente  
 preserva-  
 da por hũa  
 visivel  
 milagre  
 da Mãõ  
 Omnipote-  
 tente. Saõ  
 palavras  
 formas  
 do Real  
 Decreto  
 de 9. de  
 Dezem-  
 bro de  
 1758.*

Entre vozes taõ gratas, taõ festivas  
 Farei por dar mais éco aos vossos vivas.  
 Sejaõ huns vivas taõ Reaes, taõ justos,  
 Competidores, sim, mas reverentes  
 Dos predicados, que ostentais augustos,  
 Com que attrahis os coraçõens das gentes:  
 Iguaes aos nossos precedentes sustos,  
 Iguaes aos nossos júbilos presentes,  
 Iguaes a obrigaçoens, que vos devemos,  
 Iguaes aos votos, que por vós fazemos.

A vossa duraçaõ larga, e gloriosa  
 Assim vejamos, quanto he digna, e grata,  
 Que hoje, para se ver quanto he preciosa,  
 Do Autor da vida especialmente he data;  
 Pois (vossa he reflexaõ tanto piedosa)  
*Se admira, se conserva, e se dilata  
 Por milagre, e milagre affaz visivel  
 Daquela Mãõ, que tudo lhe possivel (1).*

*Oh nimiamente grato a Deos*, (repita  
Claudio a Heróes, menos q̄ vós prezados)

*A cujo favor o éthera milita*,

*Que os mesmos ventos tem por aliados!*

Que eu clamarei com voz mais expedita,  
Por factos, que se vêm taõ demonstrados:  
Oh Réi, que por ser tanto a Deos dilecto,  
Por vós milita o seu poder, e affecto!

Em preservar vossos vitaes alentos

Quanto deveis ao celestial Senado!

Os vossos taõ sublimes pensamentos

Quanto a estas horas o teraõ notado!

Deixai, q̄ os meus, bem q̄ triviaes, attentos,

Tambem o notem com algum cuidado;

Bem, que isto de hũa penna carecía,

Que tivesse Querúbica energia.

Quando artificios investiga tantos

Contra vós este, e aquelle parricida;

Quantos á vista do Autor della, oh quantos

Patrocinaão vossa Augusta vida!

No Ceo Christo, e Maria, Anjos, e Santos,

Cuja primeira voz foi sucedida

Da dos viadores no terráqueo emporio,

Da das almas, que estaõ no Purgatorio.

Das almas, que qual ouro quilatado,

Lá se achaõ expiando os seus defeitos

Naquelle fogo, que he naõ mais cevado,

Que nos mesmos espiritos eleitos:

No fogo tantas vezes mitigado

De mais ardente caridade a efeitos,

Da de Joaõ, exemplo esclarecido

De vós, mais, que imitado, competido.

Ainda fora dos confins do Estado,  
 Que dominais com taõ suave imperio,  
 Como dominareis , Senhor jurado, (ferio;)  
 Quanto o Sol doura em hũ, e outro hemis-  
 Hũa voz pia, aonde he Jesus cantado,  
 Ao som da harpa, ou Davidico salterio,  
 Ao que tira , e dá toda a Monarquia,  
 Salvai Joseph , salvai o Réi dizia.

Esta oração era porém mais forte  
 Naquelle espaço do Orbe conhecido,  
 Que de vós he com taõ prezada sorte  
 Igualmente illustrado, que regido:  
 Que vos dê vida á custa da sua morte  
 Em clamor geralmente repetido  
 O A'rbítro de ambas sem cessar percebe  
 Nas rogativas da nobreza , e plebe.

Em tanta caza para o culto erecta,  
 Em que buscamos ter a Deos propicio,  
 Quanto a voz lhe clamou tanto dilecta,  
 Que impetra delle todo o beneficio!  
 Quanto a voz clamou, digo, na Collec'ta,  
 Do que por naõ cruento sacrificio  
 Quer o mesmo Senhor , que se lhe immóle:  
 Salvai o Réi, salvai a régia prole!

Hum , e outro Clero , que vos devem tanto,  
 E aos mais Réis Lusos vossos anteriores  
 Ante o Senhor , que he Santo , Santo, Santo,  
 Eraõ vossos ardentes Oradores:  
 Que, qual supéra as chammas o amianto,  
 Da morte superásseis os rigores,  
 Eraõ vozes do Ceo, naõ mal ouvidas,  
 De Religiosas mil, mil Recolhidas.

Cavalleiros das Ordens Militares ,  
 Titulos, Grandes, Tribunaes, Milicias,  
 Mil pessoas de bem particulares,  
 E o vulgo, todos oraçaõ propicia,  
 Porque livralle de quaesquer azares  
 O Tito, que he de Portugal delicias,  
 Hum Pái taõ bom, hum Réi taõ generoso,  
 Repetiaõ ao Todo Poderoso.

Mas que direi das Oraçoens taõ santas,  
 Que fazia, a quem digno he só de gloria,  
 Hũa Rainha, que precede a tantas,  
 E em seu nome cantavaõ já Vitoria?  
 Quê das de hũa Princeza, das Infantas,  
 Que alta materia daõ á nossa Historia  
 Já da sua idade na estaçaõ primeira?  
 Tal se apressa a dar flor a amendoeira.

Quê das de hũ Pedro, cujo sangue em fio  
 Vos corre pelas véias irmaãmente;  
 E he vosso Irmaõ sem o menor desvio  
 Em hũ merecimento transcendente?  
 Quê das de hũ Manoel, de hũ vosso tio,  
 Que, imitando tanto inclyto Ascendente,  
 O infiel, arrogantissimo turbante  
 Na Hurgara terra conculcou triunfante?  
 Em fim, o que das vossas, Réi supremo,  
 Que fois por *Fidelissimo* acclamado;  
 E, qual entre os Cyclopes Polyfemo,  
 Entre os Christaõs Monarcas graduado?  
 Do que se infere, posto vós no extremo  
 De ser taõ impiamente vulnerado  
 Demonstráreis hum ânimo taõ pio ( 2 ),  
 O que direi? Tanto de mim naõ fio.

( 2 )  
 Veja se a  
 sentença  
 de conde-  
 naçaõ dos  
 conjura-  
 dos de 12.  
 de Janeiro  
 de  
 1759. pag.  
 16., versí-  
 culo: On-  
 de naõ  
 permit-  
 tindo.

Isto na terra ; agora ao Ceo. Oh ! quanto  
 Quanto se empenha a Soberana Curia  
 No mesmo Empyreo Capitolio Santo  
 Por preservarvos de lesão, e injuria !  
 Com que ardor não abraça empenho tanto,  
 Por confundir tanta monstrosa furia !  
 Oh ! clausulas me dê, com que o pondere  
 Aquelle, que por ella vos defere.  
 Oraõ por vós os Santos vivamente,  
 Que nos dias tem culto taõ devido,  
 Em que fostes, ó Réi da Lysia gente,  
 Animado, nascido, e concebido;  
 E os que a tres de Setembro equivalente  
 Applauso tem, abraçaõ tal partido ;  
 Para a gloria não ser, que lhes he dada  
 Entaõ de traiçaõ tanta perturbada.  
 Santos, que com seu nome, juntamente  
 Vos tem as suas virtudes consignado,  
 Offereciaõ Oraçaõ frequente ;  
 Porque não fosseis de traiçaõ gravado :  
 Oh ! quanto fostes de Joseph cliente,  
 Do Esposo de Maria, reputado  
 Por Pái do mesmo Deos, Homem nascido,  
 Delle, qual sustentado, obedecido !  
 Por vós orou quem mais *Fiel*, e *Augusta*  
 Fez Braga, e na extinçaõ da idolatria  
 Lhe deõ a gloria, que lhe vêm taõ justa,  
 De ter sobre Toledo a primazia ;  
 E como acreditou Cefaraugusta,  
 Quando lhe deixa em hũ Pilar Maria ;  
 Faz nas ribeiras cintillar do Déste  
 A verdadeira Religiaõ celeste.

Paulo,

Paulo, de quem se escreve, que de Christo,  
 Preconizando o Nome augusto ás gentes,  
 Entrou em Luso, dando exemplo nisto  
 A fazerem os Lusos tantos crentes;  
 Para que obviasse a morte orar foi visto,  
 O que, como elle, as Chagas refulgentes  
 Traz do mesmo Senhor, que póde tudo,  
 No coração, mais, que no mesmo Etcudo.  
 Com Jorges, Pantaleoens, e com Vicentes,  
 Por vós se allia hum numero diffuso  
 De outros Santos Patronos preeminentes  
 Da Monarquia, e povoaçoes de Luso:  
 Da facção de taõ fortes Adherentes  
 Naõ o partido se mostrava excluso,  
 Dos que na Lusitania tutelares  
 Saõ dos seus templos, e dos seus altares.  
 Deprecavaõ por vós, que entre os Monarcas  
 Sois, qual o Sol, distincto em luzimentos,  
 Das Religioens mil Santos Patriarcas,  
 A que dedica Portugal Conventos:  
 Therefas, e outras Santas Matriarcas  
 Tambem seguiã estes bons intentos;  
 E os filhos seus, a quem caõ a sorte  
 De irem ao Ceo por hũa fanta morte.  
 Com Borja, nosso Emigdio conferido,  
 Muito outro óra, que a Luso tem honrado;  
 Ou por ter, bem, que estranho, cá vivido;  
 Ou por haver aqui perigrinado;  
 Ou por suas prendas elle haver obtido;  
 Ou por nos ter sua effigie, e nome dado;  
 E nesta série, quando a individúo,  
 O meu Lourenço Justiniano inclúo.

Digo aquelle Lourenço Justiniano,  
 Que veste, addicto a hũ tutelar glorioso,  
 A *Forge* (3), nollo escudo soberano,  
 O hábito azul, çafiro o mais precioso:  
 O hábito, dito no Orbe Lusitano  
 Do Evangelista de Jesus mimoso;  
 Aguia, que encontra, q̃ outra assim se eleve,  
 Quando: *Era o Verbo no principio*, escreve.  
 Joaõ, que, sendo tanto a Christo grato,  
 Depois deste, da Virgem Mãi fecunda  
 O filho amado he mais, mais immediato,  
 Por filiação, q̃ hum Deos, feito Homem funda:  
 Quanto foi das suas preces o aparato;  
 Porque traição taõ fêia se confunda  
 Por cultos mil, que a devoção lhe assina,  
 Da Augustissima Caza Brigantina.  
 Assim mesmo eraõ voslos valedores,  
 Naõ com menos acerrima firmeza,  
 Aquelles, que entre tanto, que viadores,  
 Foraõ vassallos com leal fineza  
 De Principes, de Réis, de Imperadores,  
 Com quem a Real Caza Portugueza  
 Tanta alliança tem, e afinidade:  
 Quero dizer: com toda a Christandade.  
 Mas com que ardor, para total ruína  
 Naõ concorrêo de taõ violenta empreza,  
 Tanto Sagrado Heróe, tanta Heroína  
 Da extensaõ da Coroa Portugueza;  
 E que, quando a geral tanto illumina  
 Com fantidade da maiõ grandeza,  
 Faz taõ gloriosamente soberana  
 A Ecclesiastica Historia Lusitana?

Hum

(3)  
*S. Forge*  
 (Padroei-  
 ro de Por-  
 tugal) em  
*Alga de*  
*Veneza*,  
 aonde te-  
 ve princí-  
 pio a Con-  
 gregaçãõ,  
 a que nes-  
 te Rèino  
 se dá o ti-  
 tulo de  
*Conegos*  
*Seculares*  
*de S. Joaõ*  
*Evange-*  
*lista.*

Hũ Pedro, hũ Mancio, hũ Damaso, hũ Torcato,  
 Hum Victor, hum Verissimo, hum Egidio,  
 E outro tanto glorioso Candidato  
 Vos empetravaõ celestial presidio:  
 Com outras mil, rogo sostem taõ grato,  
 Para que obviasse tanto parricidio,  
 O que em feu Réino lhes fomenta Dúlia,  
 Maxima, Iria, Senhorinha, Julia.  
 O Sol da Portugueza Santidade,  
 O Menór, o Maiór Antonio toma,  
 Para se vos manter a indemnidade,  
 A feu cargo alcançar tanto diploma.  
 Esperava-se tal fidelidade,  
 Que aleivozia taõ perversa doma,  
 Do Soldado, que tendes mais invicto,  
 Que ao soldo vosso quer estar addicto.  
 Deixo porém outros mil Lusos Santos,  
 Que tivestes no Ceo por Protectores;  
 Porque mais facil, que a mençaõ de tantos,  
 Fora contar do Sol os resplendores  
 Só direi, sim, dos que com régios mantos,  
 Com sangue régio se honraõ, superiores  
 Naõ menos em virtude, gloria eterna  
 Da Lusitania antiga, e da moderna.  
 Mas naõ só nossos Principes attento  
 A Deos captavaõ, de outras Monarquias  
 Eraõ por vós de hũ, de outro Testamento  
 Mil Santos Réis, Davides, Ezequias,  
 Os tres, a que da estrella o luzimento  
 Conduzio a adorarem o Messias;  
 E outros sem conto, em cuja sociedade  
 Reinareis na Gloria Eternidade.

Com

Com outros, Wamba, em Portugal nascido,  
 Que hõrou a vossa, hõrou a alhéia Hespanha;  
 A vossa, por lhe dar esclarecido,  
 Illustre berço a povoação de Idanha;  
 A alhéia, sendo Godo Réi ungido;  
 E como a patria, honrou a terra estranha  
 Com hũa fantidade preexcellente;  
 Por vós faziaõ oraçaõ vehemente.

Com as Engracias, e outras mais Princezas  
 De Lusõ, Calcia foi vossa advogada,  
 A mãi de nove gêminas bellezas,  
 Bracarense Nemosyne Sagrada,  
 Que ao Ceo dêo nove Musas Portuguezas,  
 Que lá na Sión bemaventurada  
 Constituiraõ o seu digno monte,  
 E em Deos, fonte de luz, sua digna fonte.

Mas que eloquencia póde haver, que explique  
 Quanto, para que livre de traidores  
 A vossa vida taõ heroica fique,  
 Instaaõ vossos Reaes Predecessores?  
 Vêde-o naquelle Affonso, que em Ourique  
 Vos institue o Réino entre esplendores,  
 E de lá via quanto dignamente  
 Sois, Senhor, seu mais claro Descendente.

Que via, que, porque elle nos altares  
 Obtenha Dulia, tanto já fizestes:  
 Senhor, lembrado estais, que entre milhares  
 ( Parece disse ) de legioens celestes  
 Logo nos meus Reaes preliminares  
 Huã palavra de favor me destes;  
 Por ella, pois, aqui vos executo:  
 Vede Joseph, que do meu Tronco he fruto.

De tanto Comprehensor desattendida  
 Não foi esta oração espirituosa,  
 E corrobóra o ser bem deferida  
 De Ourique a aparição maravilhosa;  
 E que, o q̄ he via, que he verdade, e he vida;  
 A' sua divisa concedêo gloriosa  
 As armas, que na Cruz tinha tomado,  
 Para inferno vencer, morte, e peccado.

A' vóz de Affonso logo sucedia  
 A de tanto vosso óptimo Ascendente,  
 Que já da Lusitana Monarquia  
 Teve a coroa, e cetro preeminente;  
 E agora ter no Céu mais regalia  
 Crê, como sempre crêo taõ piamente,  
 Hum Réino, grato a Deos, pela piedade;  
 Em que reinou já tanta Majestade.

Em série tanta no sentir piedoso  
 A estola em sangue de Cordeiro lava  
 Joaõ Quinto, que ao Todo Poderoso  
 Em Luso tanto templo, e culto dava:  
 Lá foi na arte de Pái taõ indusrioso,  
 Pái, de que Filho tanto se esperava,  
 Que a sua oração foi seta, que a serpente  
 Mata, e preserva o gênito innocente.

Com as Mafaldas, as de mais Rainhas,  
 Que o Luso throno haviaõ occupado,  
 E que a piedade tambem crê vizinhas  
 Do Summo Réi, que lhes dêo cá Reinado;  
 Eraõ vossas acerrimas madrinhas;  
 E taõ propiciamente despachado  
 O petitorio de Isabel pondero,  
 Como foi o de Esther ante Assuero.

(4) Nem se mostrava menos attencioso  
*Que o Senhor Principe Dom Theodosio não perdêo a graça baptifmal, refere o Illustrissimo Antonio Godeau, Bispo de Vença, na Oração funebre, q̃ recitou nas exequias, que Luiz XIV. Rei de França mandou celebrar na Cathedral de Pariz ao Senhor Réi Dom Joaõ IV.*  
 O Réi Divino a vossa mãi instante;  
 Que pedia ficasseis vitorioso,  
 E ainda cá, qual depois lá, reinante:  
 Hum coração mostrou mais affectuoso,  
 Do que aquella mulher mostrou amante,  
 Quando pedio com maternal carinho  
 Perante Salamaõ o seu filhinho.  
 Os Principes instavaõ Lusitanos,  
 Que vencedor ficasseis, não vencido:  
 Que tivessemos Réis, não já tyrannos;  
 E Theodosio aqui foi bem ouvido:  
 Theodosio, que os lustres soberanos,  
 Com que foi no baptifmo renascido  
 Não manchou nesta vida perigosa (4):  
 Entre os espinhos tal florece a rosa.  
 Entre tanta Princeza Lusitana  
 A complacencia subornou Divina  
 Aquella excelsa, singular Joanna,  
 Que a filha de Domingos se destina;  
 E que a Domingos, cuja soberana  
 Ascendencia tambem vos illumina,  
 Dobrar póde na testa a luz serena,  
 Dobrar na dextra a nitida açucena.  
 Não no Infantado Portuguez se ouvia  
 Esta oração menos instantemente,  
 Porque o Réino escufasse tyrannia;  
 Porque ficasse tanto Réi vivente:  
 Súpplica tanta articular ouvia,  
 Não sem séria attençaõ o Omnipotente  
 Pela boca de Heróes taõ venerandos,  
 De Duartes, de Henriques, de Fernandos.

Com

Com elles as Lusíadas Infantas

Pedem, que evite a Lusitania luto :

Que hũ Réi nos viva de excellencias tantas,

De tanto estupendissimo attributo :

Oraõ assim Sancha, e Theresa Santas :

Sancha, que o Minoritico Instituto

A Luso dêo, Theresa taõ gloriosa

Ou Infanta, ou Rainha, ou Religiosa.

Entre tanto alto, tanto régio alumno

Na mesma classe numerar bem posso

O invicto, Santo Condestavel Nuno,

Como Ascendente taõ condigno vosso :

Por vós, pois, mais, e mais ora opportuno,

Ao q̃ he Senhor, q̃ he Réi, e q̃ he Pái nosso,

O açoute de soberbos Castelhanos,

O açoute de aleivosos Lusitanos.

Naõ digo Lusitanos aleivosos

Sem pena, sem rubor ; naõ os estraõia

Porém com estes termos ingloriosos

Da minha Musa a menos culta idéia ;

Primeiro o disse em versos mais nervosos

O Sol da Lusitânica Epopéia,

Quando a alguns por protótypos affina

Sertorio, Coriolano, e Catilina.

E o que diria o Lusitano Homero

Cultor do Throno Portuguez taõ fino,

E amante da sua patria taõ procéro,

Quanto mais nella acha rigor ferino ;

Se contra hum Réi, taõ justo, taõ sincero,

Visse armar tanto perfido assassino ?

Oh ! quanto mais abríra o seu compasso !

Mas isto deixo; e para os Anjos passo.

(5) Lusitaniel (5), cuja custodia attenta  
 O Autor dá o nome de Lusitaniel ao S. Anjo Custodio de Réino, á imitação do Autor do Poema, intitulado: Pacientes, que dá o nome de Japoniel ao Santo Anjo Custodio do Japaõ.

Tem das suas grandes azas protegido  
 A Portugal, quanto empenhado tenta  
 Que não fiqueis de tanto mal vencido!  
 Como porém pia opiniaõ sustenta,  
 Que Luso por Miguel he defendido,  
 Depois direi quanto o seu rogo vale,  
 Quando eu dos Anjos mais sublimes falla:  
 Pedem dos vossos Réinos, e Conquistas,  
 Que vos preserve os Guardas superiores,  
 Que salve qualidades taõ bem quistas,  
 Ao quẽ he Senhor sobre os demais Senhores;  
 Com preces tantas muitas outras mistas  
 Foraõ dos Paranyños, Defenlores  
 De Cidades, de Villas, de Lugares,  
 De Templos, de Oratorios, e de Altares.

Quanto a Oraçaõ aqui não foi valida  
 De tanto excelso espirito fulgente,  
 Aqui foi a custodia commettida,  
 Fidelissimo Réi, da vossa gente,  
 Por não ser a orfandade reduzida!  
 Desta facçaõ hum, de quem sou cliente,  
 Foi; e eu, se o nome seu não ignorára,  
 Devoto, e genuflexo o pronunciára.

Tanto genio porém, que luminoso,  
 Por nós escudo abraça, armas empunha;  
 De expressar o seu nome he mui ciofo,  
 O pái de Samsaõ boa testemunha:  
 Claro he só tanto arcano mysterioso  
 A'quelle, que, creando-os, lhos impunha;  
 E, qual de nada soube já fazellas,  
 Sabe o numero, e nome das Estrellas.

Mas deixo outros Jerarquicos milhares,  
 Para não proceder em infinito,  
 E, passando, aos que entre elles luminares  
 São de outro resplendor mais exquisito,  
 Oh! quanto os vossos quatro tutelares  
 Oraõ a Deos! Quatro outra vez repito:  
 Dous da mãi vossa, que de vós tem tento  
 Até vosso glorioso nascimento;  
 E os dous, que vos dá nelle o Soberano,  
 Que faz cada hũ de nós, q̃ a Adaõ lucedo,  
 Pouco menos Angelico, que humano,  
 E os Anjos seus a nosso auxilio expede:  
 Quanto ao Senhor, por preservar de dano  
 Tanto esplendido espirito intercede,  
 Ao que tão bem faz das virtudes uso,  
 Ao Réi aoFenis entre os Réis de Luso!  
 Fazem por vós deprecaçoens ardentes  
 Aquellas tres Intelligencias puras,  
 Que entre outras tantas brilhaõ mais luzêtes,  
 Cujos nomes se lém nas Escrituras:  
 A que dá Luso os cultos mais decentes,  
 Bem, que com pientissimas usuras;  
 Por haver terno tal denominado  
 Portuguez tanto em vosso Augusto Estado.  
 Rafael, que de Deos he Medicina,  
 E o Hospital, que Joaõ de Deos fundára,  
 Honra, e com o Heroe Luso assim confina,  
 Que com elle irmaãmente se compara;  
 Lá na Presença oh! quanto orou Divina,  
 Porque vós, livre de traiçaõ tão rara,  
 Que apenas crível se fará na Historia,  
 Cantar pudesseis tão feliz vitoria!

Para curarvós trouxe hervas prestantes  
 Não já colhidas na montanha Idéia,  
 Sim, na alta Sion, cujos vejetantes  
 Chegou a ver na terra Dorothéia :  
 Quando os desvelos mostra mais instantes,  
 Cavillaçoens taõ barbaras fopéia ;  
 Porque venhais a ser nosso Ezequias :  
 Que mais fez elle pelos dous Tobias ?

Não foi menos a instancia apaixonada  
 De Gabriel, do Altissimo expedido  
 A Godofredo, que em Salém Sagrada  
 O Nome de Jesus deixa applaudido :  
 Salém, que hade por vós ser conquistada :  
 Oh ! quanto de Joaõ esclarecido  
 Já meu numen cantou taõ imperfeito  
 Em vós, Senhor, tenha completo effeito !

( 6 ) Sim ( 6 ), grande Réi do Lusitano clima  
 Vós sois aquelle, a quem Elía chama,  
 Para ser vossa dextra, quando a rima,  
 Eterno assunto a mil clarins da fama :  
 O que mais vos incumbe, vos intima :  
 Vêde-o no vosso escudo, em que vos clama  
 O muito sangue, que naquelle mundo  
 Foi derramado pelo Adaõ segundo.  
 Grande gloria, Senhor, e a mais prezada  
 Da vossa heroicidade esclarecida !  
 Quem manda a Pedro embainhar a espada,  
 A vossa quer sem dilação despida :  
 E'ia, se a vossa Purpura Sagrada  
 Hade no Quinto Imperio ser provida,  
 Sejaõ as pedras de taõ sacro muro  
 Digno alicesse, em que o fundeis seguro.

Miguel

( 6 )  
 Esta oitava,  
 e a seguinte do  
 Autor andão im-  
 pressas  
 debaixo  
 do seu nome,  
 no segundo Tomo  
 do Jardim Car-  
 melitano.

Miguel, Custodio no sentir piedoso  
 Das terras Lusitanas vespertinas,  
 ( Tanto Anjo pede hũ Réino taõ glorioso  
 A's soberanas dignaçoes Divinas ! )  
 O'ra , empunhado o estoque luminoso,  
 Embraçado o broquel das Santas Quinas,  
 De hũa serpente de ouro acrysolado  
 Do Tejo seu , do vosso Tejo orlado.

Mas naõ allude esta orla serpentina  
 A' fera , que tanto Anjo luminoso  
 Precipita , e com chave diamantina  
 Lá no carcere fecha tenebroso ;  
 A'quella , fim , respeito diz , que affina  
 Ao vosso escudo timbre o mais glorioso ;  
 A que o Messias mesmo se compara ,  
 Ella enroscada de Moisés na vara.

Este Anjo a rebelliãõ , e apostasia  
 Taõ opposto , que todo o conspirado  
 De tanta ingrata , negra Jerarquia  
 Com hũ: *Quem, como Deos?* deixa arruinado;  
 Naõ soffre em seu mez tanta aleivozia,  
 E a prostra , qual se ville ameaçado  
 Hũ Santo Affonso Henriques, Réi Primeiro,  
 Hum Manoel , de tanto cetro herdeiro.

Hum Santo Affonso, que, oppugnando invicto  
 De Agar a gente, a debellou triunfante,  
 Presente este Anjo ; pois vio tal conflicto  
 O braço seu , seu vencedor montante:  
 Hum Manoel tanto a seu culto addicto,  
 Que solícita de Miguel brilhante  
 No Augusto nome hũ singular decoro  
 Dar ás primicias do seu regio thoro.

Mas

Mas quanto o numero inquirir escuso ;  
 Que vos foi fausto , de que sois devoto ,  
 De Anjos , e Santos ! bem , que taõ diffuso ,  
 Em sós duas palavras o denoto :  
 Todos aquelles , que venera Luso ;  
 Todos , os que de tanto terremoto  
 Vos livraõ no primeiro de Novembro ,  
 Vos livraõ no terceiro de Setembro.

Dos Anjos , e dos Santos a Princeza ,  
 Em cujo culto distincão gloriosa  
 Tem entre as mais naçoens a Portugueza ;  
 Do seu carinho maternal mimosa ;  
 Obtém , quando dos Peitos a pureza  
 Mostra , a que Deos creou , Mái amorosa ;  
 Que a vossa vida naõ estragos sinta ;  
 E a iniquidade mesmo a si se minta.

Esta , que logo em seu primeiro instante  
 Quebra a cabeça da infernal serpente ,  
 Torre inconcussa de David triunfante ,  
 Que tem de escudos hũ milhar pendente ;  
 Com elles defendêo tanto Reinante ;  
 Porque elle ; porque o Reino seu florente  
 Naõ de traiçoens , naõ de lethaes jacturas  
 Experimentem consequencias duras.

Hum Rei , que a ser sua devoção prevista  
 De Hipolyto Maraci , taõ piedoso ,  
 Dos Réis Marianos naõ vulgar Chronista ,  
 Lhe dera entre elles hũ lugar glorioso ;  
 Hum Reino seu , que espera , que lhe assista  
 Sempre hum auxilio tanto poderoso ;  
 Por Ella ser sua Tutelar sagrada  
 Delle em sua Conceição immaculada.

Em

Em sua Conceição, digo, tão luzida,  
 A que tem Luso tanto Templo dado,  
 E o primeiro na Corte esclarecida  
 Do Brigantino, do Real Ducado:  
 Myfterio com a fé mais encendida  
 De Academias principaes jurado,  
 Academias, que de luz mui nescia  
 A presunção deixo de Lacio, e Grecia.  
 De Luso tanta povoação famosa  
 Se gloria de ser acreditada  
 Com o nome da Virgem Mãi gloriosa,  
 Sobre os Coros dos Anjos elevada;  
 E em denominação tão especiosa  
 Muito melhor se crê fortificada;  
 Pois contra toda a opposição a abriga:  
 Proteste-o o Porto, Guimaraens o diga.  
 Os mais dos Templos quasi são erguidos  
 Nos piíssimos povos Lusitanos,  
 Para se darem cultos repetidos  
 A Mysterios, e Titulos Marianos;  
 E trazem nos Oragos, e appellidos  
 As Sedes dos Pastores Diecefanos  
 A' saudade, assim como á memoria,  
 Maria Assumpta em alma, e corpo á gloria.  
 Por taes motivos, e outros mais, com gala  
 De ouro, que fezes *ab eterno* ignora,  
 A Rainha, da culpa não vassalla,  
 Do Réi á dextra o vosso bem implora:  
 Da-lhe elle todo o assenso, por honralla;  
 E tanta vida, quanta applaude agora  
 O Réino, pelas Maõs se vos applica,  
 Porque o bem todo cá se communica.

Ao Pái seu Verbo , e Filho , Deos Eterno ,  
 E em tempo Homem, dos homẽs Advogaõdo,  
 Por vós orando com affecto interno,  
 Lhe mostra as Chagas de Maõs, Pés, e Lado:  
 Chagas, que ao voffo Escudo taõ fuperno  
 Por armas dêo de hũ Réino delle amado ;  
 E que nunca mais grato lhe tem fido,  
 Do que hoje lhe he , fendo por vós regido.

Desde que o filho do trovaõ em Lufo  
 Semeou a doutrina do Evangelho ,  
 Naõ foi o fruto produzido abstruso,  
 Do orbe de Christo fendo ao resto espelho :  
 O fangue dos feus Martyres diffuso  
 Conftituio fegundo mar vermelho,  
 Por onde a Fé , fempore em tal terra activa,  
 Melhor Moifés , pallá triunfante, e viva.

He por fé pura, e fingular piedade  
 A Jesus grata a Lufitana gente :  
 Elle a efcolhêo ; porque á gentilidade  
 Faça o feú culto, o nome feú patente :  
 Para Si fundar nelle á eternidade  
 Mostra o timbre das Quinas, a Serpente,  
 Hum Imperio em Affonfo, e nos Senhores  
 Réis noffos naturaes, feus fucceffores.

Hespanha do Africano fubjugada,  
 Sua liberdade , e gloria já perdida,  
 Se mostra a Lufitania anticipada  
 Em deixar tanta fervidaõ rompida :  
 Gemia ainda, e mais gemêo Granada,  
 Quando Joaõ Ceuta deixou rendida ;  
 E aonde o nome era de Christo odiofo,  
 Culto alli mefmo lhe fez dar gloriofo.

Como

Como neste Senhor não defunido

Anda amor do rigor mais circumspecto,  
 Já mais foi d'elle Portugal punido  
 Sem expressões de hum paternal affecto:  
 Nos Libyos campos Sebastião perdido,  
 O Exército ir ao Ceo, do Ceo dilecto  
 Foi observado por Theresa Santa,  
 Que assim suas ternas queixas acallanta.

Nem rouba menos a Jesus o agrado  
 A nação Portugueza tão gloriosa  
 Nos grandes cultos, que tem sempre dado  
 Da sua vida aos Mysterios obsequiosa;  
 E com hum zelo tão apaixonado,  
 Com hũa profusão tão ostentosa,  
 Que em qualquer tēplo, até no mais conciso,  
 Nos faz menos distar do Paraíso.

Da Trindade, em Pessoas individua,  
 Deve á segunda a terra Lusitana  
 Hũa affectuosa protecção assidua,  
 Quando na especie nos tratou humana:  
 Voltada o mostra para a parte occidua  
 Na Cruz, e na Ascensão tão soberana;  
 No Calvario, em que á morte se submette,  
 Nos sagrados vestigios do Olivete.

Este, e outro muito objecto soberano  
 Movem Aquelle, q̃ no Ente Uno, e Trino  
 Para advogar por nós quiz ser humano,  
 E póde resolver, como Divino:  
 Mostra-se a favor do Orbe Lusitano;  
 E para vós pede feliz destino:  
 Tanto insta ao Pái, q̃ nada ha, que lhe véde;  
 E nas suas Maõs tudo, o que póde, cede.

Taõ altas eraõ, pois, taõ estupendas  
 As oraçoens, que o mesmo Pái ouvia ;  
 Aonde a Fé rompe as sagradas vendas,  
 E a Caridade ao maior gráo se amplia;  
 Porque livrasse de traçoens horrendas  
 A vossa taõ Real soberania,  
 E fosseis, peze a tanto detestavel,  
 Aquilles verdadeiro invulneravel.  
 Pudera o Deos, cujo favor se implora,  
 Quando lho não houvesseis merecido,  
 Tanto, que o Réino Réi taõ digno adora,  
 Como do Ceo a Portugal descido ;  
 Pudera, digo, ao ver tratar agora  
 Tanto Parcial voslo feliz partido,  
 Negarse a empenho de taõ alta esfera,  
 Justo igualmente, que geral? Pudera?  
 Não. Nas balanças, em que vida, e morte  
 Lá prepondéra a vossa vida Augusta  
 Faz pezar mais, como de tanto importe ;  
 E assim defere a pretensão taõ justa :  
 Ao Summo Ser, Não mortal, Santo, e Forte,  
 Quando assim Lusitania desassusta,  
 Bênção, e gloria não finita he dada ;  
 E desde aqui fica a traição em nada.  
 Ou nada, ou quasi nada : algum effeito  
 Lhe foi da Providencia permittido ;  
 Mas porquê? Porque visseis quanto accito  
 Sois á Mão, de que fostes protegido ;  
 Para que o Réino em trance taõ estreito  
 Visse, que esteve quasi destruído,  
 Tanto por terra o cedro levantado,  
 Quanto o mesmo urgevão mais alastrado.

Assim pactadas convençoens tão feias  
 Por Agamênon contra os Teucros muros  
 Forão já com Antênor , com Eneas ,  
 A' patria , a Priamo , seu Réi , perjuros :  
 Fica, logradas tão fataes ideias,  
 Tróia fabula aos seculos futuros ;  
 E , tinto em fangue , em chorar dano tanto  
 Se commutou o murmurar do Xantho.

De lagrimas , desordens , e ruínas ,  
 De vinganças de Testas coroadas ,  
 E , o que mais he , de indignaçõens Divinas  
 Forão nollas Provincias inundadas :  
 Arderiaõ em guerras intestinas ;  
 Bem como as eras víraõ já passadas ,  
 Quando a cerviz da patria Cesar doma ,  
 Cõtra A'guias, A'guias; cõtra Roma, Roma.

Que fora dos Prelados , e Pastores ?  
 Que fora da incorrupta Fidalguia ?  
 O que fora dos grandes , e inferiores ,  
 Se a mesma Real Caza perecia ?  
 Qual David , infatuados os traidores ,  
 Foi hum Chufai da vossa regalia  
 ( Achando Achitofeis vossos contrarios )  
 O maiór , o melhor dos Secretarios.

O Secretario , de que dignamente  
 Os negocios fiais do vosso Estado ;  
 Que no Norte , em que esposa preexcellente  
 Acha , foi por Oraculo acclamado :  
 Sabio , e justo , benevolo , e prudente ,  
 E de virtudes tantas mais dotado ,  
 Que écos da fama obtém menos canoros  
 Colbertos , Sanazáros , Cassiodóros.

Tereis,

Tereis, quando cantais vitoria tanta,  
 Já dito ao vosso Defensor Divino  
 O mesmo quasi, que ao som da harpa canta  
 Outro Rei, o Salmista Palestino (8),  
 Ao triunfar da traição, que se levanta  
 Contra o seu throno com igual destino,  
 Porque tanto se víra attribulado,  
 E no seu mesmo Réino desterrado:

*Naõ negueis naõ, Senhor, vossos ouvidos  
 A esta humilde oração, que vos presento,  
 Em que minhas Potencias, e sentidos  
 Querem mostrar seu reconhecimento;  
 Pois sou dos vossos mais favorecidos,  
 A pretender outra mercê me alento,  
 E he, que da vossa dignação sagrada  
 Minha deprecação seja escutada.*

*Dos fins da terra, aonde o mar começa,  
 Da Lusitania, que por vós domino,  
 Clamei por vós, para que naõ me impeça  
 O duro effeito de algum máo destino;  
 E quando mais violencias arremeça  
 A ancia a meu peito, que vos ama fino,  
 Por vós na pedra entaõ fui exaltado:  
 Vós a luz fostes, de que fui guiado.*

*Quanto vossa bondade, seja immensa,  
 Ella he quem só tanto mysterio alcança:  
 Tantos, tantos favores me dispensa,  
 Que se digna de ser minha esperança:  
 Ella he, por segurar minha defensão,  
 Torre de fortaleza: se se avança  
 Contra mim o inimigo, e me faz rosto,  
 Ella a meus pés o deixa sotoposto.*

Por

Por tantas prendas , por penhores tantos ,  
 Dandome estou mil parabens internos ;  
 E là no tabernaculo dos Santos  
 Habitarei por seculos eternos ,  
 Que se coroaõ de outros amarantos ,  
 Vencedores de est os , e de inver nos :  
 No vèdo das vossas azas mystrioso  
 O presidio acharei mais poderoso .

Sim ; porque vòs sois o meu Deos clemente ,  
 Vòs ouvistes as minhas rogativas ,  
 Que taõ feliz , taõ opportunamente  
 Achao vossas entranhas compassivas :  
 Vòs destes , a quem he fielmente  
 Do vosso nome as impressoens taõ vivas ,  
 Que impossivel naõ ha , q̃ obstar lhes possa ,  
 A vossa bênçaõ , com a herança vossa .

Vòs accumulareis dias a dias  
 A vida deste Rei , por vos Reinante ;  
 E que as suas mais gloriosas regalias  
 Poem em ser vosso servo , vosso amante :  
 Os annos seus , para vos dar latrias ,  
 Cresçaõ , reproduzindo se ao diante ,  
 La desde o dia , que o favor prescreve  
 De geraçaõ , e geraçaõ naõ breve .

Lá perante o Conspeculo , e Majestade  
 Da mesma Soberana Omnipotencia  
 Pela extensaõ de toda a eternidade  
 Subsiste com gloriosa permanencia :  
 A sua Misericordia , a sua Verdade ,  
 Sendo , qual sempre foi , de hũa evidencia  
 Taõ clara , taõ veraz , taõ absoluta ,  
 Quem ha , que a desconheça ? que a discuta ?

Por

*Por isso lá no seculo fulgente  
 Ao nome vosso, o meu Senhor Divino,  
 Não deixarei de tributar frequente  
 Em sacrificio de louvor hum hymno;  
 Porque de dia em dia, diligente,  
 Dias, em que o Sol nunca he peregrino,  
 Dias, que estão de todo o azar remotos,  
 Dé cumprimento a meus ardentes votos.*

*Affim podeis dizer, Réi poderoso,  
 Ao Rei, ao vosso Protector Divino,  
 Que por lhe sêreis, como sois, precioso,  
 A' sua sombra humilhais tanto affazzino:  
 Grato a Deos, pois, aos homens especioso,  
 Vivei, vivei com taõ feliz destino,  
 Sempre de Ceo, e terra abençoado,  
 Sem nada vos faltar para adorado.*



# LICENÇAS.

Do Santo Officio.

**E** Stá conforme com o seu original. Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa em 24. de Mayo de 1759.

*Fr. João Evangelista.*

**P** O' de correr. Lisboa, no Paço de Palhavã 25. de Mayo de 1759.

*Trigozo. Silveiro. Lobo. Mello.*

Do Ordinário.

**P** O' de correr. Lisboa. 28. de Mayo de 1759.

*D. Joseph Arcebispo de Lacedemonia.*

Do Paço.

**E** Stá conforme com seu original. Belem, 26. de Mayo de 1759.

*Filippe Joseph da Gama.*

**Q** Ue possa correr. Lisboa 30. de Mayo de 1759.

*Com quatro Rubricas.*

# ERRATAS DA MAIOR consideração.

Pagina.	Linha.	Errata.	Emenda.
4.	8.	<i>Maõ do Omnipotente.</i>	<i>Maõ Omnipotente.</i>
6.	12.,	<i>et seq. exceptuados alguns outros.</i>	<i>exceptuados alguns, outros.</i>
11.	24.	Hurgara.	Hungara.
15.	4.	empetravaõ.	impetravaõ.
<i>Ibidem.</i>	32.	Gloria.	gloriosa.
17.	18.	de Cordeiro.	do Cordeiro.
20.	8.	falla.	falle.
<i>Ibidem.</i>	12.	quẽ.	que.
<i>Ibidem.</i>	19.	Aqui.	A quem.
22.	4.	chegou a ver.	Fez admirar.
26.	27.	moſta.	moſtra.
31.	13.	<i>fielmente.</i>	<i>fiel temente.</i>
<i>Ibidem.</i>	14.	<i>as impreſſoens.</i>	<i>ás impreſſoens.</i>

# ADVERTENCIA.

**A** Charfe-há este Panegyrico na mesma Oficina, aonde se imprimio, na Calçada de Santa Anna: na logea de Lucas da Silva, á esquina de Santa Anna: na de Bento Soares, no adro de São Domingos: na de Joaquim Ferreira, no Terreiro do Paço: na de João Rodrigues, defronte dos Paulistas; e nas dos Mercadores de livros Francezes.

